

ITINERÁRIOS E VISÕES DA CIDADE: CENÁRIOS EDUCATIVOS NO MUSEU REGIONAL DO SUL DE MINAS GERAIS

Dr. Jezulino Lúcio Mendes Braga
ECI/UFMG
jezulino1mb@eci.ufmg.br

Laudiene Aparecida Maciel
UEMG/Campanha

Maria Fernanda Bertholdo
UEMG/Campanha

RESUMO

Esse texto apresenta dados de ações educativas realizadas no ano de 2015 no Museu Regional do Sul de Minas Gerais na cidade de Campanha. Trata-se de projeto desenvolvido no curso de História da UEMG intitulado *Itinerários e Visões da Cidade: Educação para o Patrimônio na Relação com as Narrativas Visuais da História*. Apresentamos uma das ações do projeto desenvolvida com alunos da educação básica no ambiente museal em que debatemos a interpretação da história por meio da cultura material. Por meio da exposição do museu, estudantes e professores ressignificaram sua visão de história na relação com a memória e potencializaram a discussão sobre a narrativa pública da história da cidade proposta no museu. Como metodologia foram realizadas visitas mediadas ao museu e a bens tombados no espaço urbano; entrevistas semi-estruturadas com professores da Escola Municipal Dom Othon Motta; consulta ao banco de dados da prefeitura; pesquisa sobre memorialistas de Campanha/MG. De acordo com os professores o museu mostrou-se um espaço potente para discussão da história da cidade. Os estudantes, por sua vez, aproximaram-se empaticamente da história regional na interpretação da narrativa visual proposta pelo museu. Com esta pesquisa compreendemos as potencialidades de aprendizagens da história no trabalho

com fios de memória tecidos por disputas simbólicas, em que estão presentes gestos de esquecimento, exercícios de rememoração e intencionalidades educativas.

Palavras chaves: **museus-educação-cidades**

ABSTRACT

This text presents data of educational actions carried out in 2015 at the Regional Museum of the South of Minas Gerais in the city of Campanha. It is a project developed in the course of History of the UEMG entitled *Itineraries and Visions of the City: Education for the Heritage in Relation with the Visual Narratives of History*. We present one of the actions of the project developed with students of basic education in the museum environment in which we debate the interpretation of history through material culture. Through the exhibition of the museum, students and professors re-signified their vision of history in relation to memory and potentiated the discussion about the public narrative of the history of the city proposed in the museum. As a methodology, mediated visits were made to the museum and to goods found in urban space; Semi-structured interviews with teachers of the Dom Othon Motta Municipal School; Consultation with the city's database; Research on memorialists of Campanha / MG. According to the teachers the museum proved to be a potent space for discussion of the history of the city. The students, in turn, empathically approached regional history in the interpretation of the visual narrative proposed by the museum. With this research we understand the learning potential of history in the work with threads of memory woven by symbolic disputes, in which are present gestures of forgetfulness, exercises of recollection and educational intentionalities.

Keywords: museums, education, cities

Introdução

O texto que segue aponta para as potencialidades educativas do espaço urbano na relação com a educação museal destacando ações desenvolvidas no projeto *Itinerários e Visões da cidade: educação para o patrimônio nas relações com narrativas visuais da história*. O projeto foi desenvolvido na Universidade do Estado de Minas Gerais em sua unidade na cidade de Campanha-MG em parceria com a Secretaria Municipal de Educação.¹

Durante um ano debatemos o espaço urbano e as relações subjetivas impresas em modos de ver e sentir a cidade nas práticas culturais que são definidoras de identidades. As ações foram desenvolvidas na Escola Municipal Dom Othon Mota e atendeu cerca de 15 professores em cursos de formação continuada e 30 estudantes do 5º ano em ações educativas no Museu Regional do Sul de Minas.

Partimos do pressuposto de que a cidade é também um espaço educador. As relações subjetivas na cidade vão além do trânsito cotidiano em suas ruas, são definidoras de modos de pensar, de construir modos de sociabilidade sensíveis e educativos. A cidade é potencialmente um espaço educativo e professores podem:

compreender as relações humanas na cidade como uma esfera educacional ampliada que se processa na heterogeneidade de espaços sociais praticados. A realidade acentua o movimento de redes sociais que geram contextos e acontecimentos educativos, em simultaneidade com as ações de instancias educativas tradicionais como as

relacionadas com as famílias e instituições escolares. As atividades desenvolvidas no tempo livre e lazer são exemplos de práticas sociais que não são, necessariamente, vividas em contextos institucionais concebidos para educar. O processo formativo ocorre através de inúmeras práticas que se dão entre continuidade e a descontinuidade, a previsibilidade e aleatoriedade, a homogeneidade e heterogeneidade, ou seja no próprio movimentos a vida e da práxis social (CARRANO, 1999, P. 32 apud MIRANDA & SIMAN: 2013, p 22)

Assim a cidade pode constituir-se como espaço para educação sensível e potencialmente espaço relativo para problematização de conteúdos da disciplina história. Professores e estudantes podem investigar quais narrativas oficiais estão inscritas na fisionomia da cidade. A cidade é um palimpsesto, em que camadas de história são reveladas para reflexões sobre os desafios do tempo presente.

Esse projeto se deu através de atividades desenvolvidas também no Museu Regional do Sul de Minas. A educação museal é um dos desdobramentos do que chamamos Nova Museologia movimento que propõe um modelo de museu argumentativo aberto a reflexão sobre a narrativa e que possibilita deslocamentos em nossa forma de pensar e agir. Essa forma de ver o museu é chamada de "museu fórum", onde questões socialmente vivas emergem das narrativas propostas com as coleções dessas instituições. A noção de um museu que participasse amplamente das formas culturais, sociais e

¹ Projeto desenvolvido pelo Programa de Extensão da UEMG-Edital PAEX 2015.

econômicas foi um dos desdobramentos da *Mesa Redonda de Santiago do Chile* realizada em 1972.

O documento de Santiago indicou a necessidade de criar setores educativos nos museus para mediação com escolas e outros programas para dinamização do acervo e educação integral do homem. A Mesa de Santiago não é o marco zero para as discussões sobre a educação museal. No entanto, dada a sua importância entre os museólogos, nunca é demais lembrar os acordos feitos naquele encontro e entre eles a necessidade de que os museus assumissem a função educativa.

Esse documento veio confirmar discussões que já estavam sendo feitas desde a década de 1950, como a realização do seminário *A função Educativa dos Museus*, promovida pela UNESCO, no Rio de Janeiro, em 1958. Após a realização desse seminário, o então presidente do ICOM (Conselho Internacional de Museus), Georges-Herri Rivière, elaborou diagnóstico em que apontou, entre outras coisas, a crescente importância da educação nos museus e, inclusive, defendeu a elaboração de exposições que fossem de assimilação mais didática para os espectadores, o que chamou de apresentação "ecológica" das narrativas museais.

Nos últimos anos no Brasil, a elaboração da Política Nacional de Museus, em 2003, e a posterior criação do IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus), em 2009, atendendo a lutas antigas dos profissionais dos museus abriram a possibilidade de pensar em programas voltados

especificamente para educação museal. As discussões sobre a função educativa dos museus vêm gerando vários documentos que resultaram no Programa Nacional de Educação Museal (PNEM) como parte das ações do IBRAM. O PNEM teve suas bases lançadas na cidade de Petrópolis em 2010 e posteriormente a discussão ampliada aconteceu por meio de uma plataforma virtual lançada no dia 30 de outubro de 2012 (<http://pnem.museus.gov.br/>).

O PNEM veio como consequência das discussões iniciadas nos Fóruns Nacionais de Museus, evento bienal que reúne profissionais da área para pensar ações voltadas para os museus no país. No primeiro fórum acontecido em Salvador os GT's discutiram as ações educativas e foi ofertado um minicurso de educação em museus. Existem ainda muitos desafios para implementação da política, mas a difusão do termo "educação museal", os concursos para pesquisadores com foco na educação em cursos de museologia e para técnicos na área no IBRAM, os grupos de estudos, as teses e dissertações são um sintoma de que a discussão se frutifica e ganha contornos cada vez mais práticos.

O texto que segue reúne perspectivas da educação museal e da educação nas cidades. Em parceria com professores e estudantes da educação básica, constituímos itinerários pela cidade e abordamos referências materiais expostas no Museu Regional do Sul de Minas Gerais. Com rastros colhidos nesses espaços educativos, questionamos a história narrada sobre a cidade e recuperamos

subjetividades impressas em modos de ver os bens materiais que revelam formas empáticas de dar sentido a história vivida.

Expografia do Museu Regional do Sul de Minas e a educação na cidade

O Museu Regional do Sul de Minas foi fundado em 29 de abril de 1992. É um museu público ligado a prefeitura municipal da cidade de Campanha. O prédio sede do museu tem estilo neoclássico do início do XIX em uma cidade com arquitetura

predominantemente colonial. A iniciativa da construção cabe ao cônego Antônio Felipe Lopes de Araújo, Campanhense e um dos primeiros vigários da vila da Campanha. O prédio foi residência de famílias tradicionais da época. Depois pertenceu ao Monsenhor João de Almeida Ferrão primeiro bispo da Diocese. Em 1864, quando visitaram a cidade, nele se hospedou a Princesa Isabel e seu esposo Gastão de Orleans, Conde D'Eu conforme podemos visualizar em uma placa na fachada do prédio.

Foto 01-Prédio que abriga o Museu Regional do Sul de Minas



Fonte: o autor

Em 1894, o prédio é ocupado pelo Noviciado dos Padres Jesuítas (transferidos para São Paulo em 1908) e em seguida ocupado provisoriamente pela congregação católica Carmelitas. Em 1911 instalou-se no prédio o Ginásio Diocesano São João, que sucedeu os antigos Ginásio Santo Antônio e Ginásio Municipal da Campanha. Na década de 80, atendendo demandas da comunidade e da Superintendência de Museus do

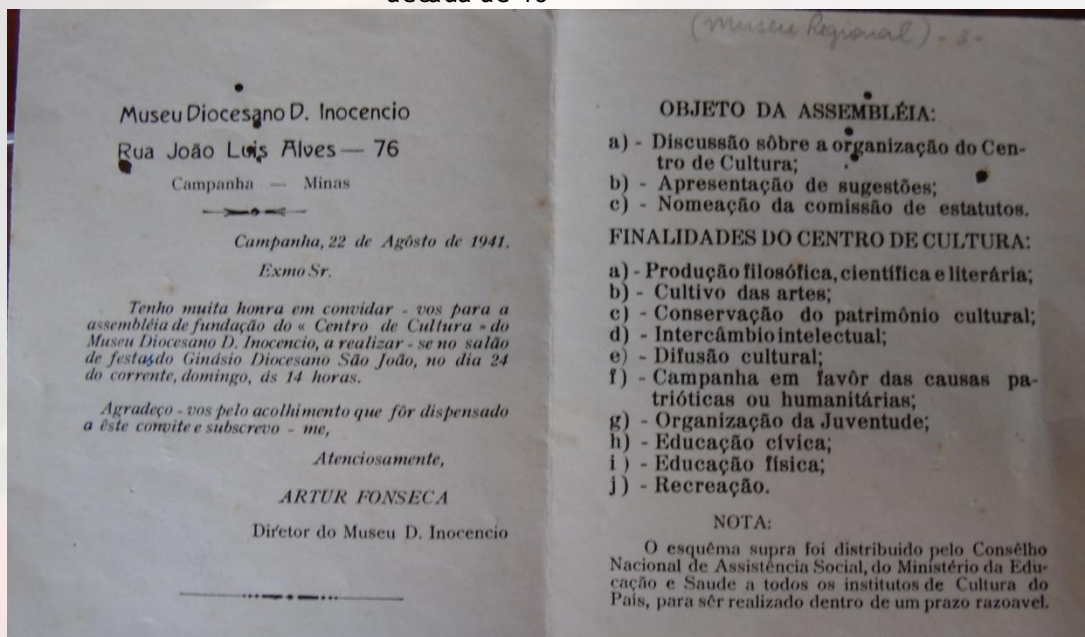
Estado de Minas Gerais a Mitra diocesana cedeu o edifício em comodato para a prefeitura instalar o museu.

De acordo com documentos disponíveis no Centro de Estudos Campanhenses Monsenhor Lefort a exposição que antecede a criação do Museu Regional estava no Museu Diocesano Dom Inocêncio criado em 1937. A coleção desse museu foi reunida nas capelas da cidade e era composta de parâmetros litúrgicos,

missais, retábulos, santos esculpidos em madeira, santos de roca,

pratarias, entre outros objetos relacionados a religião católica.

Figura 01-Convocação de Assembleia para criação do centro cultural no Museu, década de 40



Fonte: Arquivo do Centro de Estudos Campanhense Monsenhor Lefort

No livro de Guy de Hollanda, *Recursos Educativos dos Museus Brasileiros*, o Museu Dom Inocêncio consta como um recurso educativo do Estado de Minas Gerais. Observamos que nesse momento a educação cívica do povo figura entre uma das funções essenciais do museu. Apesar de ficar na praça central, o Museu Dom Inocêncio ainda não ocupava o prédio atual, estando instalado em uma casa colonial que pertencia a mitra diocesana.

O acervo atual é composto por livros, oratórios, objetos litúrgicos e imagens dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX, originárias da Bahia, Minas Gerais e Portugal e objetos doados pelas famílias de Campanha,

mineralogia, estudos de madeira e uma antiga tipografia. Existem poucas informações sobre a origem das peças e o museu não possui documentação suficiente sobre a coleção.

Os recursos expositivos são limitados a expositores para colocação das peças acompanhados de pequenas legendas. As condições físicas do prédio não são adequadas a preservação dos objetos no que diz respeito a luminosidade e controle de umidade, além de várias peças necessitarem de restauração devido ao desgaste pelo tempo. O número de funcionários é limitado e não existe setor educativo que dê suporte as visitas escolares. O prédio abriga também a biblioteca municipal e o

Centro de Estudos Monsenhor Lefort, com rico acervo documental.

Na primeira sala do museu o visitante tem acesso a coleção de peças sacras como imagens de santos do século XVIII e objetos da liturgia católica. Existem também peças avulsas de antigas capelas da cidade. Algumas peças dessa sala foram furtadas do Museu na década de 90 e encontram-se desaparecidas

até hoje. O acesso ao segundo andar onde fica grande parte do acervo do museu é feito por uma escada de madeira em espiral, o que proporciona uma experiência impactante para a maioria dos visitantes. Segundo os estudantes sujeitos de nossa pesquisa, subir aqueles degraus dava muito "medo" porquê a madeira rangia em contato com os pés.

Foto 02- Destaque na fachada em homenagem ao primeiro Bispo da cidade e escada que dá acesso ao segundo andar do prédio



Fonte: o autor

No início das escadas uma imagem de São Jorge provoca o imaginário popular no que se refere ao papel desse Santo Católico nos festejos da igreja no século XVIII. De acordo com a funcionária do Museu, a imagem costumava sair montada a cavalo, a fim de que o santo passasse em revista os soldados do Rei, durante a festiva formatura militar que se realizava anualmente na procissão de "Corpus Christi". A imagem esculpida em um só bloco têm articulações nas pernas que permite que seja atrelada a uma sela em cima do cavalo. No imaginário popular

existe uma história que cerca esse objeto de misticismo. Em um desses festejos, São Jorge descia a cavalo empunhando uma lança, aconteceu rebentar o correame que prendia o selim quando a imagem tombou sobre um escravo que foi atravessado pela lança morrendo na hora. Nas visitas que realizamos com os estudantes a funcionaria contava essa história que é uma das marcas do imaginário popular mineiro.

Em uma das visitas escolares para nossa pesquisa ocorreu que ao serem inquiridos sobre a história do santo, um dos

estudantes nos questionou dizendo que São Jorge era um santo mais próximo à religião dele. Segundo o estudante, São Jorge guerreiro é assimilado a Oxóssi, rei da caça e protetor dos orixás. Esse questionamento não se deu no momento em que todos observavam a imagem, mas em particular quando subíamos as escadas para acessar o segundo piso. A escola muitas vezes interdita alguns temas considerados mais polêmicos entre os estudantes, e as religiões de matriz africana estão entre um dos mais delicados. Observamos que esse estudante usava um cordão colorido no pescoço e levou suas mãos ao objeto pessoal no momento em que nos explicava sobre a relação do santo com sua religião. Esse adereço é uma marca identitária de sua religião.

O referente material é apenas um elemento na complexa construção simbólica na qual o objeto é inserido no museu. Para Greenblatt, no caso do objeto visualizado em galerias e museus, dois processos devem ser considerados: a ressonância e o encantamento:

Será mais fácil apreender os conceitos de ressonância e encantamento examinando a maneira como nossa cultura apresenta para si mesma, não os vestígios textuais de seu passado, mas os vestígios visuais e materiais que dele sobrevivem, pois estes últimos estão colocados em exibição em galerias e museus projetados especificamente para este fim. Por ressonância entendo o poder do objeto exibido de alcançar um

mundo maior além de seus limites formais, de evocarem que os vê as forças culturais complexas e dinâmicas das quais emergiu e das quais pode ser considerado pelo espectador como uma metáfora ou simples sinédoque. Por encantamento entendo o poder do objeto exibido de pregar o espectador em seu lugar, de transmitir um sentimento arrebatador de unicidade, de evocar uma atenção exaltada (GREENBLAT, 1991, p. 250)

Os museus são espaços de memória e silenciamento. Em suas exposições, ao ignorar relações com a vida cotidiana perdem a oportunidade de estabelecer conexões significativas com os sujeitos. Os visitantes por sua vez trazem suas concepções para a exposição resignificando a narrativa museal estabelecida na disposição dos objetos, legendas e nas falas dos educadores. Este foi o caso deste estudante que não se conteve com a relação da imagem com a tradição católica, trazendo um significado que lhe era mais próprio e, portanto, redimensionando a narrativa museal.

No segundo piso do Museu Regional do Sul de Minas estão objetos variados compondo uma cenografia que mais se assemelha aos chamados gabinetes de curiosidade. Quadros com fotos dos bispos da cidade, personalidades históricas, objetos de suplício de escravos e armas dividem espaço com objetos do colégio de freiras Nossa Senhora do Sion, instrumentos musicais, objetos

da vida cotidiana do século XVIII e XIX como móveis, escarradeiras, mesas em madeira maciça, guarda louças, xícaras e pratos.

Não existem legendas precisas sobre a origem dessa coleção e se os objetos pertenciam a um mesmo colecionador. Parece que foram doados ao Museu em épocas distintas. A nosso ver, falta estratégias para construção da narrativa museal, como por exemplo classificar objetos a partir de sua tipologia e construir cenários em que estivessem melhor contextualizados.

Por outro lado, a ausência dessa organização baseada em critérios expográficos, possibilitou que fizéssemos atividades educativas mais livres do que poderiam ser feitas na maioria dos museus, como por exemplo, a supressão de legendas para que os estudantes investigassem os objetos sem um direcionamento do olhar.

Realizamos atividades com crianças do quinto ano da Escola Municipal Dom Othon Motta que fica localizada próximo ao centro da cidade. Fizemos parceria com os professores da escola e durante 6 encontros debatemos sobre museus, educação e patrimônio. Propusemos que os docentes fizessem visitas ao Museu e ao centro da cidade dialogando sobre os patrimônios oficializados pela política municipal e os que não foram objetos de tombamento. Dessa forma dialogamos sobre os gestos arbitrários que cercam as

políticas de preservação, definindo quais os bens que devem ou não ser tombados.

Esses diálogos foram importantes para o projeto de educação para o patrimônio, uma vez que partíamos do princípio de que a cidade é um território educativo e os professores podem:

compreender as relações humanas na cidade como uma esfera educacional ampliada que se processa na heterogeneidade de espaços sociais praticados. A realidade acentua o movimento de redes sociais que geram contextos e acontecimentos educativos, em simultaneidade com as ações de instancias educativas tradicionais como as relacionadas com as famílias e instituições escolares. As atividades desenvolvidas no tempo livre e lazer são exemplos de práticas sociais que não são, necessariamente, vividas em contextos institucionais concebidos para educar. O processo formativo ocorre através de inúmeras práticas que se dão entre continuidade e a descontinuidade, a previsibilidade e aleatoriedade, a homogeneidade e heterogeneidade, ou seja no próprio movimentos a vida e da práxis social (CARRANO, 1999, P. 32 apud MIRANDA & SIMAN: 2013, p 22)

No uso educativo, a cidade apresenta-se como um palimpsesto no qual camadas temporais estão escritas e que podem ser reveladas, imaginadas e ressignificadas por professores e estudantes. Relacionada com as disposições curriculares de história, a cidade pode ser local privilegiado para reflexão sobre permanências e

mudanças, usos políticos do passado, narrativas públicas de eventos históricos, salvaguarda e perda.

Ampliando os territórios educativos o professor dispõe das ruas, praças, museus, prédios públicos e privados, efígies, chafarizes, entre outras marcas materiais da cidade para potencializar o ensino de história. Com essa intencionalidade educativa, as tramas históricas emergem dos cenários urbanos e dão novo sentido a aprendizagem que muitas vezes centra-se nos livros didáticos.

Patrimônio musealizado e educação

A concepção de educação que estruturou o projeto ultrapassa a simples relação ensino-aprendizagem, uma vez que é pensada em suas dimensões estéticas, simbólicas e éticas. Uma educação sensível centrada no sujeito e suas relações com o mundo. A sensibilidade é provocada por informações exteriores ao corpo no momento em que o homem é lançado ao mundo constituído por cores, odores, gostos, formas e ativamente interpretamos essas qualidades e usamos em nossas ações cotidianas (MERLEAU-PONTY, 1999). A relação dos homens com as coisas que se apresentam no mundo se estabelece por meio dos saberes sensíveis e o conhecimento tácito. A nossa capacidade de perceber as sensações é designada pelos gregos pela palavra *Aisthesis*. A sensibilidade é:

Uma categoria do conhecimento e uma categoria política. Ela é a

base, a via de acesso ao mundo externo ao nosso corpo, o modo como se estabelece nossa relação com as coisas, justamente por ser um modo como experimentamos nosso corpo e os demais corpos. É o modo como olhamos para as coisas, como ouvimos, mas também como as pensamos. (TIBURI, online)

A sensibilidade situa-se no campo da criatividade, da imaginação e da leitura poética que fazemos de nossas relações com as coisas e na partilha com outros homens em nosso universo relacional. A educação das sensibilidades é um processo de conferir atenção a nossos fenômenos estéticos e estéticos, que reconheça o fundamento sensível da existência humana propiciando seu desenvolvimento. Orientado por pressupostos de educação sensível, o educador pode criar oportunidades de formação que ampliem a convivência, desenvolvam a criticidade e a sensibilidade, de modo que o sensível e o inteligível se complementem.

Segundo Duarte Junior (2001) é necessário reassumir os diversos saberes e sabores, afastados da educação formal por um projeto de ciência cartesiana, e investir na formação de um sujeito sensível, aberto às particularidades do mundo e todas as possibilidades de conhecimento disponíveis e, dessa forma, *estimular o sentimento de si mesmo e incentivar-se esse sentir-se humano de modo integral, numa ocorrência paralela aos processos intelectuais e reflexivos acerca de sua própria condição humana* (DUARTE JUNIOR, 2001, p. 181).

Para análise das experiências de professores e estudantes no projeto *Itinerários* utilizamos do conceito de experiência sensível. Chamamos de experiência sensível as ações humanas acontecidas no museu e na cidade que passam pela lembrança, imaginação, reafirmação identitária, pelo encantamento, sofrimento, reposicionamento de concepções prévias, entre tantas outras reações provocadas pelos sentidos colocados em ação no uso pedagógico desses espaços formativos.

A experiência sensível é corpórea, pois é com o corpo que garantimos nossa presença no mundo. É pelo corpo que se dá a primeira aproximação com o acervo do museu e é com o corpo que caminhamos pelas ruas da cidade. Traçando itinerários pela cidade e no contato visual com as exposições dos museus, os sujeitos elaboram percepções baseadas em suas experiências e constroem uma narrativa empática interferente em suas concepções sobre a história.

Os museus e as cidades instituem uma relação de alteridade e, potencialmente, podem promover diálogos, confrontos, deslocamentos e afirmações identitárias. Portanto, são ambientes de formação, tanto para educadores que atuam diretamente na instituição museal, quanto para professores que dele fazem uso educativo. Partimos da consideração de que o museu permite uma experiência sensível por meio da visualização da história narrada com objetos tridimensionais, imagens e textos. Os professores relacionam-se de forma empática com essa narrativa mobilizando

estratégias no processo de ensino e aprendizagem da história. No uso pedagógico dos museus, os professores ressignificam sua prática e constroem novas concepções para a história, baseada em suas experiências vividas.

Nesse texto, o museu é entendido como processo e não como produto. Não restringiremos o conceito de museu ao acervo e espaço físico. Para além dos processos curatoriais, interesse do público e capacidade técnica, a dimensão simbólica revela que o museu é espelho de diferentes categorias de representação social, entendido como processo capaz de assumir diferentes formas e apresentar-se de diferentes maneiras, de acordo com os sistemas de valores priorizados em cada sociedade. Acompanhamos Tereza Scheiner, que propõe entender o museu como:

(...) fenômeno, o museu processo, o museu que independe de um espaço e de um tempo específicos, mas que revela de modos e formas muito definidas como espelho e símbolo de diferentes categorias de representação social. Compreender que Museu (fenômeno) não é o mesmo que Museu (expressão limitada do fenômeno) permite-nos aceitar que ele assume diferentes formas; permite-nos, ainda, prestar atenção às diferentes ideias de Museu, presente no universo simbólico dos diferentes grupos sociais (SCHEINER, 2008, p. 41).

O museu é também processo porque admite subversões, desmontagens, principalmente quando tratamos de seu uso para o

ensino de história. Detalhamos a seguir as atividades do projeto Itinerários realizado no ano de 2015 em que o Museu Regional do Sul de Minas foi um dos elementos fundamentais para a percepção do espaço urbano e os arbítrios na política de preservação do patrimônio e elaboração de uma narrativa da história regional.

4-Olhar e caminhar pela cidade

As ações do projeto de pesquisa e extensão *Itinerários e Visões da Cidade: educação para o patrimônio nas relações com narrativas visuais da história* foram desenvolvidas através da parceria UEMG- Unidade Campanha, Secretaria Municipal de Educação e a Escola Municipal Dom Othom Motta.

No ano de 2015 a escola Dom Othom comemorou seus 25 anos de fundação. O nome da escolarememora o trabalho educacional do Senhor Bispo Dom Othom Motta realizado ao longo dos 23 anos de sua permanência na Cidade de Campanha MG. A escola oferece formação para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Ensino de Jovens e Adultos – Anos Iniciais. No ano letivo de 2015 a escola atendeu a 598 alunos e contou com um quadro de 57 funcionários dentre os quais 41 são docentes da instituição.

O projeto selecionou docentes que ministram aulas nos 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. A secretária de educação do município no ano de 2015 também participou ativamente dos encontros realizados pela equipe do projeto.

Por meio de uma parceria com a UEMG de Campanha e a Secretaria

Municipal de Educação, as ações de pesquisa e extensão foram realizadas nas dependências da escola. As atividades ocorreram quinzenalmente nas terças-feiras, entre o período de junho a outubro de 2015. O cronograma proposto foi ajustado e enquadrado dentro do calendário escolar visando manter a organização interna da instituição. As atividades elaboradas tiveram como objetivo introduzir pontos-chaves sobre o patrimônio, usos do passado, construção de narrativas, conceito de cultura e principalmente o uso dos museus e espaço urbano para o ensino e aprendizagem de história.

Ao debater questões relevantes sobre a educação para o patrimônio o projeto possibilitou novos olhares e significados sobre a cidade de Campanha. O uso do espaço da cidade para o ensino de história foi um dos temas recorrentes nos encontros realizados com docentes da escola. Debates e análises de processos de tombamento, revelando as disputas simbólicas pelos usos do passado na cidade.

O trabalho desenvolvido com os professores das turmas selecionadas se deu a partir da apresentação do projeto. Diante das dúvidas e sugestões apresentadas pelos docentes o projeto foi reelaborado para atender às demandas curriculares. No uso do patrimônio os docentes apontaram perspectivas curriculares importantes que deveriam ser consideradas nas atividades propostas para o ano de 2015.

Uma parte das atividades de formação foi teórica acompanhada de atividades desenvolvidas pelos

professores na escola. A outra parte da formação foi no Museu Regional do Sul de Minas e centro da cidade. A relação da teoria com a prática foi potente para que os professores redimensionassem o currículo escolar mobilizando novos saberes criando estratégias para ensinar história.

No decorrer da formação foi distribuído aos professores um kit elaborado pela equipe do projeto com a apostila *Preservando o Patrimônio e Construindo a Identidade*, de Maria Helena Pires Martins, e o livro *Bisa Bel*, da autora Ana Maria Machado. Os exemplares distribuídos trazem uma abordagem reflexiva e curiosa sobre temas como patrimônio, memória e laços de pertencimento para reflexão sobre memória, patrimônio e cultura. O kit é um dos recursos didáticos que poderão auxiliar aos educadores no trabalho com temas sugeridos no projeto.

Como trabalho de formação para os professores, a equipe do projeto preparou uma aula teórica com apresentação de conceitos sobre o Patrimônio Histórico e Cultural no Brasil. Foram apresentados conceitos da área e sites para consultas como o do IPHAN e IEPHA e a história da preservação do patrimônio nacional com o Decreto- Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937. Esse momento foi de construção conceitual para que a teoria sobre o patrimônio cultural pudesse servir de base para ações com os estudantes dentro e fora da sala de aula.

A partir dessa formação, de posse de pesquisas feitas junto ao Conselho de Patrimônio da Cidade, a equipe apresentou os bens móveis e imóveis tombados na cidade de Campanha. Essa atividade foi seguida

de discussões sobre narrativas construídas em crônicas e poemas que têm como principal tema a cidade que foi palco de grandes transformações políticas, sociais e econômicas no sul de Minas.

Após o período de formação de professores, o projeto seguiu para uma próxima etapa com os estudantes do 5º ano. Os estudantes foram convidados a visitar o Museu Regional do Sul de Minas Gerais, espaço museal do qual apresentamos a expografia na primeira parte desse texto.

O museu é um espaço potente para discussão de narrativas históricas e dessa forma realizamos uma *Oficina Investigativa* com a participação de 24 estudantes e dois professores. As atividades foram divididas em três etapas: primeiramente os estudantes percorreram o museu informalmente, observaram as peças com olhar curioso, mas ainda sem muitos questionamentos. Após esse momento, foi iniciada uma conversa sobre as peças observadas e cada estudante falou sobre o que sabiam dos objetos e imagens do museu. Logo depois, os alunos foram organizados em grupos e a equipe do projeto distribuiu fichas e lupas para simular uma investigação. Cada ficha continham perguntas sobre os objetos, nas quais deveriam ser respondidas pelos membros da equipe em um papel pardo. Além das respostas os alunos deveriam levantar outras questões sobre os objetos investigados e relacioná-los com o contexto da época e de nossa atualidade.

Os estudantes percorreram o museu em busca dos objetos propostos nas

fichas com informações sobre o formato e contexto histórico das peças. Na etapa final os grupos apresentaram suas anotações, levantaram e ouviram questões sobre os verdadeiros sentidos do museu.

A ação educativa abriu espaço para que os estudantes construíssem novos sentidos para a história da cidade, na relação com a cultura material disponível no museu. Agindo de forma empática, relacionaram passado e presente extrapolando a proposta curatorial do museu na relação com memórias que conheciam sobre a cidade de Campanha. Envolvidos pela experiência do momento, os alunos fizeram críticas, por exemplo, a elementos de tortura do século XVIII, armas da 2^o guerra mundial, ferramentas de trabalho, artigos pessoais, vestuário da época, formas de comportamentos e expressões nas fotografias do século XIX entre outros.

Dando continuidade à oficina realizada no museu a equipe do projeto promoveu no dia 28 de setembro um encontro com os alunos participantes na Escola Municipal Dom Othon Motta. A atividade pós-visita aconteceu na sala de vídeo da escola onde os alunos foram colocados em círculo. Para início da atividade foi apresentado um vídeo dos próprios estudantes e fotos que foram registradas durante a experiência no museu. A professora e a equipe do projeto mais uma vez fizeram ressaltar sobre como aqueles objetos pertencentes ao museu marcados pela sua época de origem ainda estão presentes no nosso dia a dia e sobre a importância

de debater memória e patrimônio na escola.

Vários assuntos e questões foram levantados e relacionados pelos próprios alunos, como as formas de tortura e escravidão do século XVIII e as formas de escravidão ainda presentes em nossa sociedade. Muitos alunos que acompanham de perto a vida no campo citaram sobre as precárias condições de trabalhadores rurais, muitos deles seus familiares.

5-Considerações Finais

Os museus inscrevem-se nos circuitos culturais e sensíveis da sociedade e convidam a uma aprendizagem da cultura de maneira dinâmica e pluralista e, portanto, são cada vez mais procurados por professores, que ampliam suas estratégias didáticas para ensinar os conteúdos escolares. Em sua grande maioria, se equipam para receber essa demanda criando setores educativos com equipes para atender aos professores e estudantes e elaboram materiais didáticos que servem de suporte para uso pedagógico das exposições. São ambientes de formação, tanto para educadores que atuam diretamente na instituição museal, quanto para professores que dele fazem uso educativo.

As cidades são potentes para analisar rastros memória inscritos em relações sensíveis que os sujeitos estabelecem com ruas, praças, edifícios, efígies entre outros atributos da arquitetura urbana. Ao educar pela cidade, os professores estimulam a transformação do olhar sobre o espaço na relação com o tempo.

O projeto desenvolvido na cidade de Campanha estabeleceu relação entre a narrativa do Museu Regional do Sul de Minas e o espaço urbano. Por meio de atividades formativas com professores e estudantes, discutimos o patrimônio oficializado pela política pública municipal e os gestos arbitrários da narrativa museal, ao mesmo tempo em que revelamos outras formas de ler a cidade estimulando habilidades visuais, auditivas e táteis.

Constituímos em parceria com professores e estudantes, itinerários possíveis em uma cidade constituída em uma narrativa histórica fortemente marcada por triunfalismos heroicos. Revelamos outras histórias possíveis, transformando ambientes de narrativas pré-concebidas em sentidos inusitados construídos no trânsito entre museu e espaço urbano.

5- Referências Bibliográficas

- DUARTE-JUNIOR, João Francisco. O sentido dos sentidos: A educação (do) sensível. (Tese de doutorado em Educação). Campinas: UNICAMP, 2000.
- GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo: ressonância e encantamento. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 244-261, 1991.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MIRANDA, Sonia Regina & SIMAN, Lana Mara Castro Siman (orgs). *Cidade, Memória e Educação*. Juiz de Fora: Ed UFJF, 2013.
- SCHEINER, Tereza Cristina. O museu como processo. *Cadernos de Diretrizes Museológicas 2: mediação em museu: curadorias, exposições, ação educativa*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.
- TIBURI, Márcia. O que é sensibilidade. Disponível em <<http://www.marciatiburi.com.br/textos/sensibilidade.htm>>. Acesso em 15 de jun. de 2010.

RECEBIDO EM 25.11.2016

APROVADO EM 23.12.2016